

Essentials of Oneness Theology
By David Bernard

*Essenciais
da
Teologia
Unicista*

David K. Bernard

Essenciais da Teologia Unicista

Por David K. Bernard

Copyright 1984, 1985 David K. Bernard
Printing history: 1986, 1987, 1989, 1991, 1992

Word Alfame Press
Hazelwood, MO 63042-2299

ISBN 0-912315-89-X
Desenho da Capa por Tim Agnew

Traduzido por: Robert Mark Norris

All rights reserved. No portion of this publication may be reproduced, stored in electronic system, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopy, recording, or otherwise, without the prior permission of the author. Brief quotations may be used in literary reviews.

**Impresso nas oficinas da:
CASA PUBLICADORA PENTECOSTAL
Rua Fernando Riet, 161
Alvorada, RS - 94820-140**

Primeira Edição - Janeiro de 1999

**Todos os direitos na língua portuguesa reservados pela:
CASA PUBLICADORA PENTECOSTAL
Caixa Postal N° 60
Alvorada, RS - 94801-970**

Impresso no Brasil

**É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão,
por escrito, dos editores.**

Todas as referências bíblicas foram extraídas da Bíblia “Edição Revista e Atualizada no Brasil”, a não ser aquelas que são identificadas com “MT” (Melhores Textos em Hebraico e Grego) ou “Cor” (Edição Corrigida)

Prefácio do Autor

Essenciais da Teologia Unicista, primeiramente foi apresentado como um trabalho sobre “Aspectos do Movimento Pentecostal Unicista”, num simpósio patrocinado pela Harvard Divinity School em 5-7 de Julho de 1984, em Cambridge, Massachusetts. Dos dez maiores trabalhos apresentados no simpósio, este foi o único apresentado por alguém da Pentecostal Unida e o único a lidar diretamente com a doutrina Unicista mesma. O propósito do trabalho foi para apresentar os elementos essenciais da convicção Unicista, para distingui-la claramente do trinitarianismo, e responder objeções que os trinitários possam levantar.

Sendo que muitas pessoas, incluindo os trinitarianos, têm expressado grande interesse no trabalho, foi preparado para sua publicação. Foram feitas somente algumas mudanças pequenas, sendo que a mais notável é a citação tirada dos escritos de W.A. Criswell.

Espero que este livrete tenha uma dupla função: (1) um resumo, uma referência conveniente para crentes Unicista e (2) um resumo porém uma introdução completa da Unicidade, para aqueles fora do movimento.

Para uma discussão detalhada da doutrina da Unicidade, recomendo ao leitor outro livro do autor, “*A Unicidade de Deus*”.

David K. Bernard

Essenciais da Teologia Unicista

De acordo com uma estimativa, um quarto dos Pentecostais Americanos aderem na doutrina conhecida como Unicidade.¹ Na história da igreja, muitos têm formulado independentemente uma forma de teologia Unicista incluindo, por exemplo, os modalistas e os Sabelianos na era antenicensa, Miguel Serveto (1531), John Miller (1876), Andrew Urshan (1910), R.E.McAlister, John Scheppe, e Frank Ewart (1913), e a Verdadeira Igreja de Jesus na China (1917). Conseqüentemente a teologia Unicista não pode ser analisada somente pelo desenvolvimento histórico do movimento moderno Unicista; devem ser dada atenção séria aos textos bíblicos que tem induzido o reaparecimento persistente dentro da Cristandade. Este trabalho identificará os dogmas distintos da teologia Unicista da perspectiva de um Pentecostal Unicista, e apresenta sua base bíblica, e compara-o com o trinitarianismo.

A doutrina Unicista pode ser apresentada sucintamente em duas propostas: (1) há um só Deus indivisível sem distinção de pessoas; (2) Jesus Cristo está toda a plenitude da Divindade encarnada. Todos os títulos da Deidade podem ser aplicados para Ele e todos aspectos da personalidade divina estão manifestados nEle.

Monoteísmo Radical

A base da teologia Unicista é um conceito radical de monoteísmo. Simplesmente declara, Deus é absolutamente e indivisivelmente um. Não há distinções ou divisões essencial em Sua natureza eterna. Todos os nomes e títulos da Deidade, tais como Elohim, Yahweh, Adonai, Pai, Verbo, e Espírito Santo referem-se a um e o mesmo ser, ou - em terminologia trinitariana - de uma pessoa. Qualquer pluralidade associada com Deus é somente uma pluralidade de atributos, títulos, papéis, manifestações, modos de atividades, ou relacionamentos do homem.

Esta é a posição histórica de judaísmo. Tanto crentes Unicistas como judeus encontram a expressão clássica desta fé em Deuteronômio 6:4: "Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR." Muitas outras passagens no Antigo Testamento, particularmente em Isaías, afirma o monoteísmo estrito e são interpretadas literalmente de modo excluir qualquer pluralidade na Deidade. Por exemplo: "...antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há salvador." (Isaías 43:10-11). "...eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim." (Isaías 46:9).

Nenhuma passagem no Antigo Testamento declara explicitamente a doutrina trinitariana; uma não pode derivá-

la de uma exegese de somente textos do Antigo Testamento. Se a triplicidade é uma parte essencial da natureza de Deus, Ele não revelou isto para Seu povo escolhido. Se correto, o trinitarianismo é o único aspecto chave da natureza de Deus totalmente desconhecida no Antigo Testamento mas revelada no Novo Testamento. Se Deus é uma trindade, então Abraão, o pai dos fiéis de todas épocas, não compreendeu a natureza da Deidade a quem ele adorava.

Os crentes Unicistas dão as seguintes explicações para as passagens do Antigo Testamento que os trinitarianos citam quando aludem à trindade.

* O uso da palavra plural *Elohim*, não denota uma pluralidade de pessoas, mas é uma maneira característica para expressar a grandeza ou majestade na linguagem hebraica.²

* O uso do plural divino na frase, “Façamos o homem à nossa imagem” pode ser examinado de várias maneiras: (1) Deus conversando com os anjos (como os judeus explicam); (2) Deus tomando conselho com a Sua própria vontade (como em Efésios 1:11); (3) um pronome simplesmente no plural que concorda com o substantivo plural *Elohim*; (4) um plural de majestade ou literário; ou (5) uma referência profética à manifestação futura do Filho de Deus. É importante notar que em cumprimento a este versículo, Deus criou Adão como uma pessoa, com um corpo, mente, personalidade, espírito e vontade.

* Referências ao Filho são profético do homem Cristo, apontando para a manifestação futura de Deus em carne.

* Referências ao Espírito de Deus, a Palavra de Deus, e a sabedoria de Deus não significa uma pluralidade de pessoas, assim como quando se fala do espírito, da palavra, ou sabedoria de um homem.

* Todas as teofanias do Antigo Testamento podem

facilmente ser vista como manifestações do único Deus, que é onipresente, onipotente. Enquanto a expressão, “o anjo do SENHOR” aparentemente é uma teofania em muitas passagens, ocasionalmente a frase denota um anjo literal distinguido de Deus.

* As atribuições a Deus de partes do corpo humano é antropomorfismo, já que o único corpo físico permanente de um Deus que é Espírito é o do Filho de Maria.

* Frequentemente os trinitarianos explicam que as passagens monoteísticas usadas para mostrar a Unicidade meramente falam da harmonia perfeita e da união dentro da trindade, e excluem uma pluralidade de divindades falsas; mas não uma pluralidade de pessoas no verdadeiro Deus. No entanto, nem os escritores bíblicos e nem os seus leitores originais entenderam assim. Além disso, este ponto de vista permitiria o politeísmo total, pois muitas divindades distintas poderiam viver em perfeita harmonia e união.

* Os trinitarianos sugerem que a palavra hebraica usada para descrever a Unicidade de Deus é *echad*, que pode significar um em harmonia. Entretanto, também pode significar unicidade numérica absoluta, e é usada desta maneira muitas vezes nas Escrituras. E deve ser interpretada assim quando refere-se a Deus, ou então não excluiria o politeísmo como as passagens em questão claramente pretendem. Até a importância que *echad* conota uma união de coisas plurais, significa a união dos atributos múltiplos de Deus.

Mudando para o Novo Testamento, os expoentes da Unicidade enfatizam a importância de exegetar na luz do contexto e cultura. Os oradores e escritores originais eram judeus estritamente monoteístas que não tinham pensado de introduzir uma nova e dramática revelação de pluralidade na Divindade. Nem escritores nem leitores pensavam em categorias trinitarianas, pois tanto a doutrina e a terminolo-

gia da trindade ainda não haviam sido formuladas. Muitas passagens do Novo Testamento confirmam o monoteísmo do Antigo Testamento.³ Nenhum dos testamentos usa a palavra *trindade*, ou associa a palavra *três* ou a palavra *pessoas* com a Deidade de maneira significativa.⁴ A única passagem que usa a palavra *pessoa* (*hypostasis*) em relação a Deus é Hebreus 1:3, onde diz que o Filho é a expressa imagem da sua pessoa [Edição Revista e Corrigida] - literalmente “substância” - não uma pessoa ou substância separada de Deus.

Enquanto os trinitarianos reconhecem que a sua doutrina da Divindade é um mistério para mentes humanas que são finitas, os adeptos Unicistas sustentam que a Unicidade de Deus não é mistério porém é claramente revelada na Escritura para aqueles que crerem. Para estes, o verdadeiro mistério da Divindade é a Encarnação (I Timóteo 3:16), e que tem sido revelado.

Avaliando a posição da Unicidade, é interessante notar as conclusões da *The New Catholic Encyclopedia*: “Há o reconhecimento da parte de exegetas e teólogos bíblicos... que não se deve falar de Trinitarianismo no Novo Testamento sem sérias qualificações... a exegese do Novo Testamento já provou que tanto as formas de expressão quanto a maneira de pensar é característica do desenvolvimento patrístico e conciliário teria sido algo desconhecido para as mentes e cultura dos escritores do Novo Testamento”.⁵ Do mesmo modo, o teólogo Protestante Emil Brunner escreveu, “A própria doutrina da Trindade, entretanto, não é uma doutrina Bíblica e este fato não é por acaso mas por necessidade. É o produto de reflexão teológica acerca do problema... A doutrina eclesiástica da Trindade não é somente o produto de genuíno pensamento Bíblico, mas é também o produto de especulação filosófica, o que é distante do pensamento Bíblico.”⁶

A Deidade Absoluta de Jesus Cristo

Teólogos Unicistas identificam Jesus Cristo como a encarnação do único Deus, baseando-se em uma interpretação literal de Colossenses 2:9-10 que diz, “Porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. Também nele estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.” Todos os nomes e títulos da Deidade —assim como Yahweh, Pai e Espírito Santo— podem ser aplicados propriamente a Jesus. Jesus não é a mera encarnação de uma pessoa de uma Trindade, mas a encarnação de todo o caráter, qualidade e personalidade do único e indivisível Deus.

A Unicidade afirma em termos fortes que Jesus é Deus, o mesmo do Antigo Testamento, e sustenta que os escritores do Novo Testamento tencionavam isto quando chamavam Jesus de Deus. Isto é, o único e somente Deus do Antigo Testamento se encarnou como Jesus Cristo. “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (II Coríntios 5:19). Para usar a terminologia bíblica, Jesus é a imagem do Deus invisível, Deus manifesto em carne, nosso Deus e Salvador, e a expressa imagem da substância de Deus.⁷

W. A. Criswell, pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas, Texas, e que no passado foi presidente da Convenção Batista do Sul, descreveu a deidade de Cristo em termos idênticos aos usados pelos unicistas nos seus *Sermões Expositivos Sobre o Apocalipse*.

Freqüentemente não entendo as pessoas que pensam que no céu verão três Deuses. Se você pensa que verá três Deuses, então o que os Muçulmanos dizem acerca de você é verda-

de, e que o seu vizinho Judeu diz acerca de você é verdade. Você não é um monoteísta, você é um politeísta. Você crê numa multiplicidade de Deus, plural. “Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR.” Conhecemos Deus como nosso Pai, conhecemos Deus como nosso Salvador e conhecemos Deus pelo Seu Espírito em nossos corações. Mas não há três Deuses. O verdadeiro Cristão é um monoteísta. Há um Deus. “Eu e o Pai somos um.” “Quem me vê a mim, vê o Pai.” É o Senhor Deus quem fala. É Ele a quem João viu quando voltou-se. O único Deus que você verá é o Senhor Deus a quem João viu na visão do candela-bro. O único Deus que você sentirá é o Espírito do Senhor Deus em seu coração. O único Deus que existe; é o grande Pai de todos nós. O único Senhor Deus, é Cristo. No Antigo Testamento nós O chamamos de Jeová. No Novo Testamento, a Nova Aliança, nós O chamamos de Jesus. Hoje, o único grande Deus, apresenta-se em autoridade e em juízo e em dignidade judicial entre Suas Igrejas, velando por nós. “Eu vi um semelhante [um grande símbolo místico] a Filho de homem.”⁸

É o próprio Senhor Deus que virá, pois Cristo Jesus é o Deus do Universo. Não veremos três Deus no céu. Nunca pense que na glória nós veremos Deus N^o 1 e Deus N^o 2 e Deus N^o 3. Não! Somente há um Senhor Deus. Nós O conhecemos como nosso Pai, nós O conhecemos como nosso Salvador, nós

O conhecemos como o Espírito Santo em nossos corações. Há um Deus e este é o grande Deus, que foi chamado no Antigo Testamento, Jeová, e, no Novo Testamento manifestado em carne, é chamado de Jesus, o Príncipe dos céus, aquele que virá.⁹

A Unicidade atribui a Jesus todos os títulos da Deidade:

* Jesus é o Jeová do Antigo Testamento. Isto é estabelecido ao examinar muitas declarações do Antigo Testamento concernentes a Jeová que o Novo Testamento atribui a Jesus. Por exemplo, em Isaías 45:23 Jeová disse, “Diante de mim se dobrará todo o joelho, e jurará toda língua,” mas em Romanos 14:10-11 e Filipenses 2:10-11, Paulo aplica esta profecia à Cristo. O Antigo Testamento descreve Jeová como Todo Poderoso. Eu sou, único Salvador, Senhor dos senhores, Primeiro e Último, único Criador, único Santo, Redentor, Juiz, Pastor e Luz; no entanto o Novo Testamento atribui todos estes títulos a Jesus Cristo.

* Jesus é o Pai. “E o seu nome será... Deus Forte, Pai da Eternidade,” (Isaías 9:6). “Eu e o Pai somos um” (João 10:30). “O Pai está em mim, e eu estou no Pai” (João 10:38). “Quem me vê a mim, vê o Pai” (João 14:9). Jesus é o pai dos vencedores (Apocalipse 21:6-7), e Ele prometeu não deixar os Seus discípulos órfãos (João 14:18). A Bíblia atribui muitas obras a ambos, tanto ao Pai como a Jesus: ressuscitar o corpo de Cristo, enviar o Consolador, atrair os homens a Deus, responder orações, santificar crentes e ressuscitar os mortos.

* O Espírito Santo é literalmente o Espírito que estava em Jesus Cristo. “O Espírito da verdade... habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós

outros” (João 14:17-18). “O Senhor é o Espírito” (II Coríntios 3:17). O Espírito Santo é o Espírito do Filho e o Espírito de Jesus Cristo (Gálatas 4:6; Filipenses 1:19). O Novo Testamento atribui as seguintes obras tanto a Jesus como ao Espírito Santo: mover sobre os antigos profetas, ressuscitar o corpo de Cristo, ser o Consolador, dar palavras aos crentes na hora da perseguição, interceder, santificar, e habitar nos crentes. Apesar de não rejeitar o trinitarianismo, Lewis Smedes reconheceu, “A experiência do Espírito é a experiência com o Senhor. Na época atual, o Senhor é o Espírito... O Espírito é Jesus, o que foi assunto, operando na terra... O Espírito é Cristo em sua função redentora... Isto sugere que nós não cumprimos o propósito bíblico ao insistir que o Espírito como uma pessoa que é separada da pessoa cujo nome é Jesus.”¹⁰

Finalmente, os que ensinam a Unicidade identificam Jesus como Aquele que se assenta no trono celestial, ao comparar a descrição de Jesus em Apocalipse 1 com o daquele assentado no trono em Apocalipse 4, e notar que “Deus e o Cordeiro” é um só ser em Apocalipse 22:3-4. Conforme Bernard Ramm, os trinitários são ambíguos quanto ao fato de verem um ser divino ou três seres divinos no céu,¹¹ mas os crentes Unicistas rejeitam firmemente qualquer noção de três seres visíveis como triteísmo.

Pai, Filho, e Espírito Santo

Crer na Unicidade não significa negar o Pai, o Filho, e Espírito Santo. Ela simplesmente oferece definições não trinitária para estes termos bíblicos. O título de Pai refere-se ao papel de Deus como pai de toda a criação, pai do Filho unigênito e pai de todo o crente nascido de novo. O título de Filho refere-se à encarnação de Deus, pois o homem Cristo

foi literalmente concebido pelo Espírito de Deus (Mateus 1:18-20; Lucas 1:35). O título de Espírito Santo descreve a característica fundamental da natureza de Deus. A santidade forma a base de Seus atributos morais, enquanto a espiritualidade forma a base dos Seus atributos não morais. O título especificamente refere-se a Deus em atividade, particularmente Seu trabalho de ungir, regenerar, e habitar no homem.

Portanto, a Unicidade afirma os múltiplos papéis e funções descritos pelos termos Pai, Filho e Espírito. No entanto, diferente do trinitarianismo, ela nega que estes três títulos reflitam uma triplicidade essencial na natureza de Deus e afirma que todos os títulos aplicam-se a Cristo simultaneamente. Os termos podem também ser entendido na revelação de Deus ao homem: Pai refere-se a Deus em seu relacionamento familiar com o homem; Filho refere-se a Deus manifestado em carne; e Espírito refere-se a Deus em atividade. Por exemplo, um homem pode ter três relacionamentos significativos ou funções - assim como administrador, professor, e conselheiro - e ainda ser uma só pessoa no pleno sentido da palavra. Deus não define-se e nem limita-se a uma triplicidade essencial.

Como já vimos, a natureza divina de Jesus Cristo o Filho de Deus é identificado como o Pai e o Espírito Santo. Além do mais, o Pai e o Espírito Santo são identificados como um único e mesmo ser: o termo Espírito Santo descreve o que o Pai é. O Espírito Santo é literalmente o Pai de Jesus, desde que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo. A Bíblia chama o Espírito Santo o Espírito de Jeová, o Espírito de Deus e o Espírito do Pai. A Bíblia atribui muitas das obras de Deus o Pai ao Espírito também, assim como ressuscitar Cristo e habitar, consolar, santificar e ressuscitar os santos.

Os que ensinam a Unicidade oferecem as seguintes explicações para passagens do Novo Testamento muitas vezes usadas para demonstrar a existência de uma Trindade.

* Referências no plural ao Pai e o Filho simplesmente fazem distinção entre a deidade e a humanidade de Cristo.

* Outras referências a Deus no plural fazem distinção entre várias manifestações, atributos, papéis ou relacionamentos que o único Deus tem. Por exemplo, II Coríntios 13:13 descreve três aspectos, atributos, ou obras de Deus - graça, amor, e comunhão - e os liga com nomes ou títulos que correspondem mais diretamente com estas qualidades - Senhor Jesus Cristo, Deus, e Espírito Santo. Assim também, em I Pedro 1:2 menciona a presciência de Deus Pai, a santificação do Espírito, e o sangue de Jesus.

* O batismo de Cristo não pretendia apresentar aos judeus devotos espectadores uma doutrina nova radical de pluralidade na Divindade, mas significativa a unção autorizada de Jesus como o Messias. Uma compreensão correta da onipresença de Deus dissipa qualquer noção que a voz celestial e a pomba requerem pessoas separadas.

* A descrição de Cristo do Espírito Santo com o “outro Consolador” em João 14 indica uma diferença de forma ou de relacionamento, isto é, Cristo em Espírito antes do que em carne.

* João 17 fala da união do homem Cristo com o Pai. Como um homem, Cristo era um com Deus em mente, propósito e vontade, e nós podemos ser um com Deus neste sentido. Entretanto, outras passagens ensinam que Cristo é um com Deus num sentido que nós não podemos ser, porque Ele é o próprio Deus.

* Dizer que Jesus está à mão direita de Deus não significa uma posição física de dois seres com dois corpos, pois Deus é um Espírito e não tem um corpo físico fora de

Jesus Cristo. Tal ponto de vista seria distinguível do diteísmo. Antes, a frase é uma expressão idiomática do Antigo Testamento, denotando que Cristo possui todo o poder, autoridade, e preeminência de Deus.¹²

* As Epístolas de Paulo incluem tipicamente uma saudação tais como: “Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo” (Romanos 1:7). Isto enfatiza a necessidade de reconhecer não somente os papéis de Deus como Pai e Criador, mas também a revelação de Deus em carne como Jesus Cristo. A conjunção Grega *kai* pode significar “mesmo”, identificando assim o Pai e Jesus como o mesmo ser. Em passagens semelhantes, tais como II Tessalonicenses 1:2 e Tito 2:13, deve-se aplicar a lei de Granville Sharp: Se dois substantivos próprios do mesmo gênero, número, e caso são ligados com *kai*, e se o primeiro tem o artigo definido e o segundo não, então ambos falam da mesma pessoa.

* “O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo;” denota um relacionamento de aliança assim como “o Deus de Abraão.” Isto serve para nos lembrar das promessas que Cristo conquistou como um homem sem pecado, promessas do “Deus de Jesus Cristo” que estão disponíveis àqueles que têm fé em Cristo.

* O *kenosis* de Cristo descrito em Filipenses 2:6-8 não significa que Cristo se esvaziou dos atributos divinos, como onipresença, onisciência e onipotência, senão Cristo seria meramente um semideus. O Espírito de Cristo reteve todos os atributos da deidade mesmo quando Ele manifestou todo o Seu caráter em carne. Esta passagem somente referem-se às limitações de Cristo imposta nEle relativa a Sua vida humana. O *kenosis* foi uma rendição voluntária de glória, dignidade e prerrogativas divinas, não uma abdicação de Sua natureza divina. A união de deidade e humanidade

que era Jesus Cristo, era igual a Deus e procedia de Deus, mas se tornou humilde e obediente até a morte.

* A visão daquele sobre o trono e do Cordeiro em Apocalipse 5 é apenas simbólica. Aquele que se assenta no trono representa toda a Deidade, enquanto o Cordeiro representa o Filho em Seu papel sacrificial humano.

O Filho

Conforme temos visto, os expoentes da Unicidade explicam que o termo *Filho* fala da manifestação do único Deus em carne. Eles afirmam que *Filho* pode referir-se à natureza humana de Cristo somente (como em “o Filho morreu”) ou à união de deidade e humanidade (como em “o Filho voltará à terra em glória”). Entretanto, eles insistem que o termo não pode ser usado quando separado da encarnação de Deus; nunca pode apenas referir-se à deidade. Eles rejeitam o termo “Deus Filho,” não bíblico, a doutrina do Filho eterno, e a doutrina da geração eterna.¹³ A frase “o Filho unigênito” não refere-se ao fato que o Filho foi gerado do Pai, por uma geração espiritual inexplicável, mas refere-se à concepção miraculosa de Jesus no ventre da virgem pelo Espírito Santo.

Para estabelecer o princípio da existência do Filho, os crentes Unicistas indicam as seguintes passagens das Escrituras: “Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente Santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lucas 1:35). “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gálatas 4:4). “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” (Hebreus 1:5). Eles apontam para o tempo em que o papel distinto do Filho terminará, quando o propósito redentor para o qual

Deus se manifestou em carne não existirá mais. Isto não implica que o corpo imortal glorificado de Cristo deixará de existir, mas que a obra de mediador e o reinado do Filho findarão. O papel do Filho será imergido pela grandeza de Deus, que permanecerá em Seu papel original como Pai, Criador, e Soberano de todas as coisas: “Então o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos” (I Coríntios 15:28).

Os crentes Unicistas enfatizam as duas naturezas de Cristo, usando este fato para explicar as referências no plural ao Pai e Filho contidas nos Evangelhos. Como Pai, Jesus as vezes agia e falava de Sua auto-consciência divina; como Filho Ele algumas vezes agia e falava de Sua autoconsciência humana.¹⁴ As duas naturezas nunca entravam em conflito, porque elas estavam unidas em uma só pessoa.

Apesar de darem ênfase às duas naturezas de Cristo, os que ensinam a Unicidade têm dado inadequada atenção à muitas áreas da Cristologia. Alguns têm feito declarações que parecem de Apolinário [que defendia o adocianismo, ou seja que Jesus foi adotado à posição de Filho de Deus; por um ato de Deus], pois deixam de definir e usam termos com precisão, mas estudiosos da Unicidade rejeitaram opressivamente esta implicação. A Unicidade, se desenvolveu cuidadosamente, pode ser vista como compatível com a formulação Cristológica do Concílio de Calcedônia, isto é que Cristo tem duas naturezas completas — deidade e humanidade — mas é somente uma pessoa. Entretanto, os crentes Unicistas não se baseiam nos credos para formular posições doutrinárias, mas baseiam-se apenas nas Escrituras, que revelam a plena deidade de Cristo, a plena humanidade de Cristo, e a união essencial e total de deidade e humanidade na Encarnação.

Em alguns casos, os crentes Unicistas têm tomado posições Cristológicas não somente inconsistente com a Calcedônia, mas também com a sua própria posição na Unicidade. Por exemplo, alguns têm explicado o clamor de Cristo na cruz, “Deus meu, Deus meu porque me desamparaste?” como sinal que o Espírito de Deus deixou Jesus naquele momento. Este ponto de vista não apenas destrói a união da pessoa de Cristo, mas também afeta a crença em sua deidade absoluta. É mais consistente ver isso como expressando a punição que Cristo sofreu quando Ele tomou sobre Si os pecados do mundo. Ele de fato provou a morte por todos os homens; Ele sentiu a separação total de Deus que o pecador sentirá na eternidade.

Entre os meios Unicistas existem várias opiniões acerca da possibilidade de Cristo pecar. Uma aplicação consistente de princípios da Unicidade indicaria que Cristo era irrepreensível. As vezes, alguém diz que Jesus conscientizou-se da Sua deidade ou tornou-se plenamente divino em algum momento de Sua vida adulta, como por exemplo em Seu batismo. Esta posição é inconsistente com as doutrinas Unicistas do Filho gerado, e da absoluta deidade de Cristo, e é portanto rejeitada pelo movimento.

Os que ensinam a Unicidade dão as seguintes explicações para dúvidas levantadas com respeito à Sua doutrina do Filho.

* De acordo com Hebreus 1:2, Deus criou o mundo através do Filho. Certamente, o Espírito (Deus) que estava no Filho era também o Criador do mundo. Esta passagem também pode indicar que baseou a inteira obra da criação sobre a futura manifestação do Filho. Deus na Sua presciência sabia que o homem pecaria, mas Ele também sabia que através do Filho o homem poderia ser salvo e poderia cumprir o propósito original de Deus na criação. Como John

Miller declarou, “Apesar de Ele não tomar sobre Si a humanidade até a plenitude do tempo, no entanto Ele a usou, e agiu através dela, desde a eternidade.”¹⁵ * Hebreus 1:6, o Filho é chamado de primogênito ou primeiro a nascer. Uma interpretação deste versículo segundo Ário diria que Deus criou um Filho divino antes de qualquer coisa que Ele criou, porém isto não é inconsistente com a teologia da Unicidade, e este movimento rejeita firmemente qualquer forma de Arianismo. O Filho é o primogênito no sentido da humanidade: (1) Ele é o Filho primogênito e o unigênito, tendo sido concebido pelo Espírito; (2) A Encarnação existiu na mente de Deus desde o princípio e formou a base para todas as ações subseqüentes; (3) Como homem, Jesus é o primeiro a vencer o pecado, e é portanto O primogênito da família espiritual de Deus; (4) Como homem, Jesus é o primeiro a vencer a morte, e é portanto o primogênito da ressurreição; (5) Somente como primogênito tem a posição de preeminência, Jesus também é o cabeça de toda a criação e da igreja.

* Jesus existiu antes da Encarnação, não como Filho eterno mas como o eterno Espírito de Deus. O Filho foi enviado do Pai, mas esta terminologia simplesmente indica que o Pai estava colocando em ação o plano preexistente em um certo momento, e que o Filho foi divinamente apontado para concluir uma tarefa específica. Do mesmo modo, João Batista foi um homem enviado por Deus, mas ele não existiu antes da sua chegada ao mundo.

* As orações de Cristo representam a luta da vontade humana, submetendo-se à vontade divina. Elas representam Jesus orando de Sua auto-consciência humana e não da divina, pois Deus não precisa orar. Assim podemos explicar outros exemplos da inferioridade do Filho em poder e conhecimento. Se estes exemplos demonstram uma

pluralidade de pessoas, eles estabelecem a subordinação de uma pessoa à outra, ao contrário da doutrina trinitariana de igualdade.

* Outros exemplos de comunicação, conversação ou expressão de amor entre Pai e Filho são explicados como comunicação entre as naturezas divina e humana de Cristo. Se usado para demonstrar uma distinção de pessoas, eles estabeleceriam centros de consciência separado na Divindade, que é de fato politeísmo.

O Logos

O Logos (Verbo) de João 1, não é equivalente ao título *Filho* na Teologia Unicista como é no trinitarianismo. O *Filho* está limitado à Encarnação, mas o *Logos* não está. O Logos é a auto-expressão de Deus, “a maneira de Deus de auto-revelar-se” ou “Deus se expressando.”¹⁶ Antes da Encarnação, o Logos era o pensamento inexpressado ou o plano na mente de Deus, e era real como nenhum pensamento humano pode ser, devido a perfeita presciência de Deus, e no caso da Encarnação, devido a predestinação de Deus. No princípio, o Logos estava com Deus, não como uma pessoa separada mas com o próprio Deus — parte de Deus e pertencente a Deus, assim como um homem e sua palavra. Na plenitude do tempo Deus colocou carne no Logos; Ele expressou a Si mesmo em carne.

Teologia do Nome

A Unicidade dá forte ênfase à doutrina do nome de Deus como expressado tanto no Antigo como no Novo Testamento. Para as pessoas dos tempos bíblicos, “o nome é uma parte da pessoa, uma extensão da personalidade do in-

divíduo.”¹⁷ Especificamente, o nome de Deus representa a revelação da Sua presença, caráter, poder e autoridade. No Antigo Testamento, Yahweh (Jeová) era o nome redentor de Deus e o nome singular pelo qual Ele distinguiu-se dos deuses falsos. Todavia, no Novo Testamento, os que ensinam a Unicidade afirmam que Deus acompanhou a revelação de Si próprio em carne com um novo nome. Este nome é Jesus, que inclui e toma o lugar de Yahweh, pois literalmente significa Yahweh — Salvador, ou Yahweh é Salvação. Apesar de outros levarem o nome Jesus, o Senhor Jesus Cristo é o único que realmente é o que o nome descreve.

Enquanto os trinitarianos vêem o nome Jesus como o nome humano de Deus Filho, os crentes Unicistas vêem este nome como o nome redentor de Deus no Novo Testamento, que tem o poder e a autoridade que a igreja necessita.¹⁸ Eles apontam para estas passagens das Escrituras: “Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (João 14:14). “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4:12). “Por meio de seu nome, todo o que nele crê recebe remissão de pecados” (Atos 10:43). “Pelo que também Deus e o exaltou sobremaneira, e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra” (Filipenses 2:9-10). “E tudo o que fizerdes, seja em palavras, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.” (Colossenses 3:17).

Eles notam que a Igreja Primitiva orava, pregava, ensinava, curava os enfermos, operava milagres, expulsava demônios, e batizava no nome de Jesus. O nome de Jesus não é uma fórmula mágica; ele só tem efeito através da fé em Jesus e de um relacionamento com Ele. Todavia o Cris-

tão deve usar o nome de Jesus falando em oração e no batismo, como uma expressão externa de fé em Jesus e obediência à Palavra de Deus.

Fórmula Para o Batismo Nas Águas

A teologia do Nome e a rejeição do trinitarianismo exige o uso de uma fórmula batismal Cristológica. O movimento Unicista ensina que o batismo nas águas deve ser administrado invocando o nome de Jesus. Geralmente, os títulos de Senhor ou Cristo, são usados como uma identificação adicional, como foi feito no Livro dos Atos. Exponentes da Unicidade mostram que cada vez que a Bíblia descreve a fórmula usada em um batismo, sempre descreve o nome de Jesus (Atos 2:38; 8:16; 10:48; 19:5; 22:16). Além destes relatos históricos no Livro de Atos, as epístolas usam muitas alusões à fórmula batismal do nome de Jesus (Romanos 6:4; I Coríntios 1:13; 6:11; Gálatas 3:27; Colossenses 2:12).

Mateus 28:19 dá atenção especial, porque é a única passagem bíblica que possivelmente poderia ser interpretada como uma alusão a qualquer outra fórmula. É explicado como segue:

* A gramática do versículo denota um nome singular. Sendo que Jesus é ao mesmo tempo Pai, Filho e Espírito, e sendo que Ele veio em nome de Seu Pai e enviará o Espírito em Seu nome, o único nome de Mateus 28:19 tem que ser Jesus. Muitos trinitários reconhecem que o nome é singular e identificam-no como Yahweh.¹⁹ Crentes Unicistas mostram que o nome salvador de Deus no Novo Testamento não é Yahweh mas Jesus.

* O contexto exige uma fórmula Cristológica. De fato, Cristo disse, “Eu tenho toda a autoridade, portanto ide

e fazei discípulos, batizando-os em meu nome.” Outra vez, muitos estudiosos trinitários reconhecem a força deste argumento.²⁰ Conseqüentemente argumentam que este versículo não relata a *ipsissima verba* [palavra exata] de Jesus, mas que é uma paráfrase por Mateus ou mesmo uma mudança litúrgica feita por copistas. É importante notar que Eusébio muitas vezes citou este versículo perante o Concílio de Nicéia, dizendo “em meu nome.” Outros trinitários propõem que a igreja originalmente não via este versículo como uma fórmula batismal. Para crentes Unicistas que aceitam as palavras de Mateus 28:19 como estão, isto não apresenta um problema textual; eles vêem as palavras existentes como uma descrição da fórmula do nome de Jesus.

* Os relatos paralelos da Grande Comissão em Marcos 16 e Lucas 24, ambos descrevem o nome de Jesus.

* A Igreja Primitiva, que incluía Mateus, cumpriu as instruções de Cristo, batizando em nome de Jesus.

Enquanto historiadores da Igreja de um modo geral concordam em que a fórmula original do batismo era realmente “em o nome de Jesus,” nem todos os trinitarianos concordam que esta frase bíblica denota invocar oralmente o nome de Jesus. Os que ensinam a Unicidade acham que sim porque:

* Esta é a maneira mais natural e literal de ler.

* Em Atos 22:16, Ananias falou para Paulo invocar o nome do Senhor no batismo.

* Atos 15:7 e Tiago 2:7, indicam que o nome de Jesus foi invocado por cristãos em várias ocasiões específicas. Neste último versículo, *The Amplified Bible* [A Bíblia Amplificada versão no inglês] identifica isto como o batismo nas águas.

* Quando os discípulos oravam, impunham as mãos sobre os doentes, e expulsavam demônios “em nome de Je-

sus,” eles sempre invocavam oralmente o nome (Atos 3:6; 16:18; 19:13).

* A frase realmente significa o poder e autoridade de Jesus, mas o poder e autoridade representado por um nome é sempre invocado por usar de fato o nome próprio.

* Se esta frase não descreve uma fórmula batismal, então nem Mateus 28:19, já que a construção gramatical é idêntica. Todavia, isto deixaria a igreja sem qualquer meio para distinguir o batismo cristão do batismo pagão, do batismo judaico de prosélitos, e do batismo de João.

* Apesar de haver diferenças nas palavras exatas ditas em cada relato batismal, todos (inclusive Mateus 28:19) descrevem o mesmo nome: JESUS.

O Recebimento do Espírito Santo

Pentecostais Trinitários muitas vezes têm sido acusados de glorificar o Espírito Santo as custas do Filho, e eles distinguem nitidamente entre receber Cristo e receber o Espírito Santo. A doutrina da Unicidade evita este problema. Receber Cristo é receber o Espírito Santo, e vice-versa.

Pentecostais Unicistas, tipicamente esperam que o batismo do Espírito Santo virá imediatamente após o arrependimento, como parte de uma experiência de conversão apostólica. Os discípulos esperaram até o Pentecostes para receberem o batismo do Espírito, apenas porque este não estava disponível antes da fundação da Igreja do Novo Testamento. Cornélio e a sua casa receberam imediatamente o Espírito quando creram na pregação de Pedro. Paulo foi cheio com o Espírito Santo como parte de sua experiência de conversão que durou três dias. Os Samaritanos em Atos 8 e os discípulos de João Batista em Atos 19 receberam o Espírito Santo quando chegaram à plenitude da fé em Cris-

to.

Portanto, ao contrário de outros Pentecostais, os Pentecostais Unicistas vêem o batismo do Espírito Santo como uma parte integral de receber Cristo. Para eles não é um novo encontro com outro membro da trindade, nem uma segunda ou terceira “obra de graça,” mas é uma parte da vida nova em Cristo.

Conclusão

Em contradição ao trinitarianismo, a Unicidade afirma que: (1) Deus é indivisivelmente um em número, e nele não há distinção de pessoas; (2) A Divindade não é mistério; (3) Jesus é a absoluta plenitude da Divindade; Ele é ao mesmo tempo Elohim, Yahweh, Pai, Filho e Espírito Santo; (4) O Filho de Deus foi gerado segundo a carne e não existiu desde a eternidade passada — este termo apenas refere-se à encarnação de Deus em Cristo; (5) O Logos (Verbo) não é uma pessoa separada, mas a mente, pensamento, plano, atividade ou expressão do Pai; (6) Jesus é o nome de Deus revelado no Novo Testamento e representa salvação, poder e autoridade de Deus; (7) O batismo nas águas deve ser administrado para invocar oralmente o nome de Jesus como parte da fórmula batismal; e (8) os crentes definitivamente só verão um ser divino nos céus: Jesus Cristo.

A doutrina da Unicidade não destrói nenhuma doutrina essencial ao Cristianismo, desde a autoridade única da Escritura da expiação substituinte até justificação pela fé. De fato, os crentes Unicistas afirmam que a sua doutrina sustenta o Cristianismo bíblico de três maneiras específicas: (1) Ela restabelece a terminologia bíblica e os padrões bíblicos de pensamento sobre o assunto da Divindade, estabelecendo claramente o Cristianismo do Novo Testamento como

herdeiro espiritual do judaísmo do Antigo Testamento; (2) Ela defende a absoluta deidade de Jesus Cristo, revelando Sua verdadeira identidade; (3) Ela dá ênfase bíblica no nome de Jesus, colocando o poder do Seu nome disponível ao crente. Em resumo, para eles a doutrina da Unicidade é um elemento crucial na restauração da fé bíblica e do poder apostólico.

Notas

- 1 Tim Dowley, et. al., eds. *Eerdman's Handbook to the History of the Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), pág. 619.
- 2 “No Hebraico substantivos pluralizados para expressar a grandeza ou majestade”. Flanders, Henry e Cresson, Bruce, *Introduction to the Bible* (New York: John Wiley & Sons, 1973), pág. 48 n. 8.
- 3 Marcos 12:29-30; Romanos 3:30; I Coríntios 8:4; Gálatas 3:20; Efésios 4:6; I Timóteo 2:5; Tiago 2:19; Apocalipse 4:2.
- 4 Estudiosos concordam que I João 5:7 não fazia parte do texto original. Mas se for autêntico, este versículo não divide Pai, Palavra, e Espírito em três pessoas separadas, assim como um homem, sua palavra, e seu espírito não são pessoas separadas. A conclusão é, “Estes três são um.”
- 5 “Trinity, Holy”, *The New Catholic Encyclopedia* (New York: McGraw Hill, 1967), XIV. 295-305.
- 6 Emil Brunner, *The Christian Doctrine of God* (Philadelphia: Westminster Press, 1949), págs. 236-239.
- 7 II Coríntios 4:4; Colossenses 1:15; I Timóteo 3:16; Tito 2:13; Hebreus 1:3; II Pedro 1:1.
- 8 W. A. Criswell, *Expository Sermons on Revelation* (Grand Rapids: Zondervan, 1961-1966), págs. 145-146.
- 9 *Ibiden*, v, 42.
- 10 Lewis Smedes, *Union with Christ*, ed. rev. (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), págs. 41-54.
- 11 Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation*, 3 edição (Grand Rapids: Baker, 1965) pág. 171.
- 12 A mão direita de Deus significa Seu poder, e estar assentado à mão direita de Deus significa preeminência (Ramm, pág. 100).
- 13 Trinitarianos que têm rejeitado a terminologia “Fihlo eterno” incluem Adam Clarke, o perito em

- seitas Walter Martin, e o anotador da Bíblia Pentecostal, Finis Dake. Veja Adam Clarke, *Clarke's Commentary* (Nashville: Abingdon, 1810), V, 360-361; Walter Martin, *The Kingdom of the Cults* (Minneapolis: Bethany House Publishers, 1965), págs. 102-103; Finis Dake, *Dake's Annotated Reference Bible* (Lawrenceville, Ga.: Dake's Bible Sales, 1963), NT, pág. 139.
- ¹⁴ Para obter uma declaração trinitariana acerca da mesma posição, veja Henry Thiessen, *Lectures in Systematic Theology*, ed. rev. (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), pág. 223.
- ¹⁵ John Miler, *Is God a Trinity?* 3 ed. (Princeton, N.J.: Impressão própria, 1922), págs. 96-97.
- ¹⁶ Flanders e Cresson, pág. 511; Miler, pág. 85.
- ¹⁷ Flanders e Cresson, pág. 61.
- ¹⁸ Um trinitariano que defendia uma teologia do nome de Jesus similar, veja Essex Kenyon, *The Wonderful Name of Jesus* (Los Angeles: West Coast Publishing Co., 1927).
- ¹⁹ James Buswell, Jr. *A Systematic Theology of the Christian Religion* (Grand Rapids: Zondervan, 1980), I, 23.
- ²⁰ Veja G. R. Beasley - Murray, *Baptism in the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), págs. 81-84.



Obras Por David K. Bernard

Livros:

Um Manual de Doutrinas Básicas
Em Busca de Santidade
A Unicidade de Deus
A Mensagem de Romanos
Essenciais Doutrinas da Bíblia
Essenciais de Teologia Unicista
Essenciais do Novo Nascimento
Essenciais de Santidade

David K. Bernard nasceu em Baton Rouge, Louisiana, EUA, e foi criado em Seul, Coréia, como filho de pais missionários. Ele recebeu o grau de Bacharel de Artes *magna cum laude* da Universidade Rice (maioral em Ciências Matemáticas e Estudos Administrativos), recebeu o grau de doutor em Jurisprudência com honras da Universidade de Texas, e estudou Grego no Seminário Bíblico Wesley. Ele recebeu diversas bolsas e honras incluindo o National Merit Scholarship, Phi Beta Kappa, Law Review, Order of the Coif, e Chancellors. Foi admitido no State Bar de Texas. Ele lecionou na Universidade de Houston, Faculdade Comunitária de Austin.

Em 1981, Bernard se tornou membro do corpo docente de Jackson College of Ministries, Jackson, Mississippi, EUA. Ele serviu também como Deão de Alunos (1981-82), Deão de Missões (1981-85), e Vice-Presidente Assistente (1982-86). Em 1986 se tornou Editor Associado do Departamento Editorial da Igreja Pentecostal Unida Internacional. Ele e sua esposa, Connie, têm três filhos: Jonathan, Daniel e Lindsey, e reside atualmente em Austin, Texas. Ele é autor de numerosos livros, está listado no *Who's Who in Religion*, é ministro ordenado, pastoreia, e leciona em seminários de todos os níveis nacionais e internacionais.